

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO

Danielle Santos de Brito¹

RESUMO Este trabalho tem como objetivo expor qual a importância da leitura na formação social de um indivíduo, ressaltando que é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. Fará parte deste estudo, também, o mundo da leitura, sua trajetória, como se desenvolveu dentro das grandes sociedades e quais as barreiras que encontramos como professores e alunos ao ler. Por fim, falaremos sobre como os contos de fadas, pequenos contos e mitos infantis cheios de magia e fantasia, podem ajudar no desenvolvimento da criança.

PALAVRAS – CHAVE: Leitura, desenvolvimento infantil, literatura infantil.

ABSTRACT: *This paper aims to expose what is the importance of reading in the social formation of an individual, noting that it is through reading that we can form critical citizens, a prerequisite for citizenship, as it makes the individual able to understand the meaning of many voices that are manifested in social web and decide, with your own voice, becoming aware of all their rights. We will study here, also, the reading world, its history, how it has been developed within the history of social life and what barriers they encounter as teachers and students to read. Finally, we will talk about fairy tales, short stories and myths for children full of magic and fantasy, and how it can help in children's development.*

Keywords: *Reading, Children Development, Children Literature.*

INTRODUÇÃO

No seguinte trabalho iremos expor qual a importância da leitura na formação social de um indivíduo, e ressaltar que é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz

¹ Graduada em Letras (Faculdade Don Domênico – Guarujá)

de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. Ao lermos um texto estabelecemos um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, atribuindo significado ao que lemos, utilizando assim apropriadamente os recursos argumentativos para sustentarmos nossos pontos de vista. Ler não é adivinhar e nem decifrar os significados. Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas idéias e opiniões, daí decorre a conclusão de que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente, um tipo de saber cada vez mais singular na contemporaneidade, ressaltando que é na Literatura, o homem por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade, cria o texto por meio do qual manifesta seu discurso, que está presente na obra de arte, portanto a Literatura é arte, e como tal é manifestação da alma e inteligência humana.

Num primeiro momento, explanaremos um pouco o mundo da leitura, sua trajetória, como se desenvolveu dentro das grandes sociedades e quais as barreiras que encontramos como professores e alunos ao ler. Em seguida falaremos da criança, como ela se desenvolve o que é necessário para que ela aprenda e busque o conhecimento, ressaltando que o interesse da leitura pode vir da própria criança, sendo, porém necessário que o estímulo de manter este constante aprendizado deve ser mantido pelos pais.

Por fim, como os contos de fadas, pequenos contos e mitos infantis cheios de magia e fantasia, podem ajudar no desenvolvimento da criança. Verificaremos também como tais textos auxiliarão o professor a trabalhar temas polêmicos, como discriminação, abandono e até mesmo como lidar com a separação de seus pais.

1. O MUNDO DA LEITURA

A leitura é um conhecimento construído de experiências únicas? Um desejo de viver?

Na verdade, a leitura está relacionada não só a estes questionamentos, mas a inúmeros outros. O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros.

Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto.

Através deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando idéias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós.

Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém essa cultura se dilui e se perde diariamente, e é este saber, esta cultura que precisa ser recuperada.

Podemos ressaltar que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais, o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida.

Ao ler um texto ou um livro, interagimos não propriamente com o texto, mas com os leitores virtuais, que são constituídos no próprio ato da escrita. O autor os cria em seus textos e o leitor real, lê o texto e dele se apropria. O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo a influência de estabelecer relações entre os leitores reais ou virtuais.

O conceito de leitura na maior parte das vezes está relacionado com a decifração dos códigos lingüísticos e sua aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração o processo de formação social deste indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social.

Martins² define de uma forma bem simples e objetiva o que é ler, mostrando que este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes. O leitor passa a entender melhor o seu universo, rompendo assim as barreiras, deixando a passividade de lado, encarando melhor a face da realidade.

² MARTINS, Maria Helena. O que é leitura?/ Maria Helena Martins, 1994.

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres³.

Dentro de toda uma sociedade, de uma cultura, não podemos nos esquecer, que a peça fundamental de todo este processo, primeiramente, somos nós. Ler também faz parte de um contexto pessoal. Temos que valorizá-lo para podermos ir além. Além de tudo o que se pode simplesmente ler, ir até onde nossa imaginação possa ser capaz de nos levar.

Sartre, em seu relato autobiográfico, mostra uma perspectiva mais realista, porém não menos interessante sobre a inicialização da leitura, em que nos mostra que ler está além das letras impressas no papel. Em sua obra nos fala como foram suas primeiras experiências com a leitura, sendo o seu primeiro livro intitulado: “Tribulações de um chinês na China”.

[...] transportei-me para um quarto de despejo; aí, empoleirado sobre uma cama de armar, fiz de conta que estava lendo: seguia com os olhos as linhas negras sem saltar uma única e me contava a história em voz alta, tomando o cuidado de pronunciar todas as sílabas (...) fiz com que me surpreendessem _, gritaram admirados e decidiram que era tempo de me ensinar o alfabeto. Fui zeloso como catecúmeno; ia a ponto de dar a mim mesmo aulas particulares; eu montava na minha cama de armar com o *Sem família* de Hector Malot, que conhecia de cor e, em parte recitando, em parte decifrando, percorri-lhe todas as páginas, uma após outra: quando a última foi virada, eu sabia ler.⁴ (p.15) ”

O simples ato de ler passou a ser uma fantástica aventura, onde as barreiras do mundo não passavam de meras casualidades para ele. Sartre passou a enxergar os livros, o ato de ler, com outros olhos, mostrando-nos que a leitura vai além de todas as nossas perspectivas, se nos deixarmos envolver por ela. A curiosidade passa a ser a necessidade de alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar ao leitor o conhecimento de si mesmo através da maneira que lê e encara o mundo. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance, não só o compreenderemos, aprenderemos a conviver melhor, mas até modificá-lo à medida que incorporamos as experiências vividas em uma leitura.

Eu iria escutá-las, encher-me-ia de discursos cerimoniosos e saberia tudo. Deixavam-me vagabundear pela biblioteca e eu dava assalto à sabedoria humana. Foi ela quem me fez... nunca esgaravatei a terra nem farejei ninhos, não herborizei nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era um mundo colhido no espelho; tinha a espessura

³ Id. A aplicação à noção da leitura, 1994, p. 23.

⁴ Id. Como e quando começamos a ler, 1994, p. 15.

infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade. Eu me lançava às incríveis aventuras: era preciso escalar cadeiras, as mesas, com o risco de provocar avalanches que me teria sepultado.⁵

Paulo Freire afirma que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Sartre e Burroughs nos indicam que o conhecimento da língua não é suficiente para se efetivar a leitura, é necessário algo mais. Precisamos adquiri-la, a partir de situações comuns que se interpõem em nosso dia-a-dia, ou seja, devemos nos abrir para compreender não só o mundo da leitura, mas também a sociedade em que vivemos, pois sem o encontro destes dois ingredientes nosso processo de leitura nunca estará completo, pois o verdadeiro leitor nunca é passivo diante do texto; ao contrário, ele é o responsável direto dos sentidos que imprime a esse texto.

1.1A trajetória da leitura.

O livro tem aproximadamente seis mil anos de história para ser contada. Há 40.000 anos o homem expressava-se através de pinturas nas paredes de cavernas (pictografia⁶). Durante seu desenvolvimento o homem foi substituindo a representação visual, pela sonora, assim, a linguagem foi adquirindo sua verdadeira natureza, que é a oral. A humanidade é possuidora da razão, possibilitando a comunicação e o relacionamento com os outros homens.

Os sumérios⁷ guardavam suas informações em tijolo de barro. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera, os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo, suas fibras unidas em tiras serviam como superfície resistente para a escrita hieroglífica.

⁵ Id. Como e quando começamos a ler, 1994, p.16.

⁶ Escritura primitiva ideográfica, em que as idéias são expressas por meio de cenas ou objetos desenhados.

⁷ Os sumérios desenvolveram –se na região sul da Mesopotâmia, entre os rios Eufrates e Tigre (área integrante do Crescente Fértil) entre os anos 4000 e 1950 a.C.

Segundo dados da revista Espaço Aberto da USP, o papel como conhecemos surgiu na China no início do século II, através de um oficial da corte chinesa, a partir do córtex de plantas, tecidos velhos e fragmentos de rede de pesca. A técnica baseava-se no cozimento de fibras do líber - casca interior de certas árvores e arbustos - estendidos por martelos de madeira até se formar uma fina camada de fibras. Posteriormente, as fibras eram misturadas com água em uma caixa de madeira até se transformar numa pasta.

No final da Idade Média, a importância do papel cresceu com a expansão do comércio europeu e tornou-se produto essencial para a administração pública e para a divulgação literária. Após Johann Gutenberg⁸ inventar o processo de impressão com caracteres móveis - a tipografia, o papel passou por um processo de adaptação. Diversas fábricas foram criadas, como por exemplo, a Fábrica de livros, a partir daí o papel deixa de ser artigo de luxo e torna-se mais barato.

Durante séculos, a arte da oratória era à base dos ensinamentos, sendo através do diálogo que os mestres ensinavam seus aprendizes, fazendo dos leitores apenas ouvintes.

A leitura e a escrita eram restritas somente aos nobres, que eram intitulados como ‘seres privilegiados’, por exemplo, na Grécia restringia-se aos filósofos e aristocratas, enquanto que em Roma a escrita tornou-se uma forma de garantir os direitos dos patrícios às propriedades. Na Idade Média uma minoria da população era alfabetizada, somente nos mosteiros e nas abadias⁹ que se encontravam as únicas escolas e bibliotecas da época, e era lá que se preservavam e restauravam textos antigos da herança greco-romana.

A educação formal entrou em crise durante a Alta Idade Média, ficando restrita somente ao clérigo. Neste período a igreja manteve total domínio sob qualquer forma de comunicação que pudesse se expressar além dos seus interesses. As escolas episcopais garantiram a formação do clero, enquanto nos mosteiros, como acabamos de citar eram realizadas as leituras e a cópia de todos os textos da era greco-romana.

A partir deste momento a leitura, passa a ter caráter religioso, restringindo o ensino somente para àqueles que seguiriam a vocação religiosa. Milhares de obras foram censuradas, pois

⁸ Johannes Gensfleisch, conhecido como Johannes Gutenberg, nasceu provavelmente em 1397 e é considerado o criador do processo de impressão com tipos móveis, a tipografia.

⁹ Propriedade destinada à residência de monges, com igreja, granja e várias outras dependências, não somente agrícolas, mas também de administração senhoril.

suas idéias não se adequavam às normas da igreja. A escrita passou a ser um símbolo sagrado, vinculando-se a opinião de que os demais indivíduos só poderiam, em sinal de respeito, escutar e memorizar tais ensinamentos sagrados, sem o direito de contestá-los ou interpretá-los. Podemos tomar como exemplo o filme de Humberto Eco¹⁰, *O nome da Rosa*, que irá retratar exatamente este período em nossa história, mostrando exatamente como era a vida nos mosteiros, a tamanha carência da população devido à falta de estímulos, viviam como animais, não sabiam se comunicar com os demais, agiam por instinto e comiam restos dos alimentos rejeitados pelos monges. O difícil acesso aos livros, mesmo para os que tinham o privilégio de ler, ainda era grande, havia uma busca imensa pelo saber tais como e onde surgiram todas as coisas do nosso universo.

A literatura ficou restrita durante séculos, livros específicos da cultura portuguesa e brasileira viram-se amordaçados durante o período de atuação da Santa Inquisição. Podemos considerar Portugal pioneiro na censura literária e defesa da fé e dos bons costumes. Mesmo antes da Inquisição em Portugal em 1536, havia uma imensa preocupação quanto ao Estado em sanar as idéias revolucionárias que eram consideradas perigosas ao regime. Em meados do século XV foi instituída a censura real através de um alvará de Afonso V, de 18 de agosto de 1451, que manda "queimar livros falsos e heréticos".

Somente por meados do século XI, a igreja foi perdendo pouco a pouco sua influência sob o ensino, devido ao crescimento das atividades comerciais e manufatureiras, propiciando assim, o aumento das zonas urbanas. Devido a tal desenvolvimento social e econômico, a necessidade de instrução da população foi cada vez maior. Com isso, surgiram as primeiras escolas públicas.

A figura do leitor como conhecemos hoje, _ dos textos impressos_ é recente e surge na Europa, aproximadamente, no século XVIII, quando a impressão dos livros passa do modo artesanal para o modo empresarial, possibilitando assim um maior acesso e um número de livros maior do que no período anterior, com a invenção da imprensa.¹¹

Mas desenvolver o hábito da leitura é um desafio a ser enfrentado. A Câmara Brasileira do Livro fundada em 1946, teve como missão desenvolver a leitura no país e difundir a produção editorial brasileira. A entidade sem fins lucrativos que reúne editores, livreiros e distribuidores, realizou em 2000 uma pesquisa em todo o país para avaliar a indústria do livro nacional.

¹⁰ Escritor, crítico e professor de semiótica italiano (1932-). É considerado um dos expoentes da nova narrativa italiana, iniciada por Ítalo Calvino (1923-1985).

¹¹ SILVA, Klyvia Larissa de Andrade. Formar Leitores: um desafio da escola. **Revista ABC Educatio**, p. 42-46.

Infelizmente os dados não são muito satisfatórios¹², cerca de 26 milhões de leitores, e 12 milhões de compradores são das classes B e C. Sendo que 60% têm mais de 30 anos, e 53% são moradores da Região Sudeste. Da população alfabetizada com mais de 14 anos, 30% leu pelo menos um livro nos últimos três meses.

Plínio Martins Filho, presidente da Editora da USP e professor no curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA), diz que o consumo de livros no Brasil só não é maior por uma questão de hábito. "Uma das causas da falta de hábito é que a leitura tem que disputar espaço com outras formas de entretenimento. As grandes editoras do Brasil surgiram junto com o rádio e a televisão que, de alguma forma, são meios de lazer baratos e de fácil acesso."¹³

Diante destes diversos fatores lutamos para manter acesa a chama da leitura nas crianças e nos adolescentes, que crescem sem estímulos, sem poderem com isso desvendar um universo desconhecido e maravilhoso que ganha alma, transforma-se em caleidoscópios multifacetados, polivalentes, graças às leituras plurais que constroem.

A escola, porém, não prepara esse leitor. Por que se vai, aos poucos, insinuando, em nossos jovens, o desgosto da leitura? Eis o que nos diz Daniel Pennac:

Ele [o jovem] é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência; estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar; acompanharem seus esforços, sem se contentarem de pegá-lo na curva; consentirem em perder noites em lugar de ganhar tempo; fizerem vibrar o presente sem brandir a ameaça do futuro; se recusarem em transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretanto esse prazer até que ele se transforme em dever, fundindo esse dever na gratuidade de todo aprendizado cultural, fazendo com que encontrem assim, eles próprios, o prazer nessa gratuidade¹⁴.

O que fazer para mudarmos esta realidade? Depois de tantas lutas para que finalmente, ganhássemos o direito de ler, não sabemos usufruir deste grande direito que conquistamos,

¹² LINARDI, Fred. O X da questão_ Num país castigado pelo analfabetismo, projetos de incentivo à leitura são muito mais do que bem-vindos: são fundamentais. Nova Escola edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 7-9, 2008.

¹³ Revista on-line da USP, Espaço Aberto, edição nº 24, outubro de 2000.

¹⁴ PENNAC, D. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.55.

ressaltando que saber lê-los com proficiência implica ser capaz de apreender os significados inscritos no seu interior, e de correlacionar tais significados com o conhecimento de mundo que circula no meio social em que ele é produzido.

As formas de apresentação de um texto interferem no seu sentido. As novas tecnologias lhe dão razão, pois a leitura feita na Internet costuma ser descontínua e fragmentada, em um universo confuso e sem forma, contrapondo-se à sobrevivência do códice, o formato de livro que surgiu em torno do século III – com páginas que são viradas, e não desenroladas, como nos rolos de pergaminho que até então conservavam a palavra escrita – e alcançou um público leitor cada vez maior a partir da invenção da imprensa, na década de 1950.

A internet, com sua capacidade inaudita de divulgar textos e imagens, tem sem dúvida o potencial de expandir essa república virtual.

O leitor raramente percebe o sentido do todo, do prazer visual e tátil que se extrai do contato com o simples manuseio de um jornal lhe proporciona. Essa diferença é fundamental, pois torna a leitura de um livro mais profunda e duradoura, faz como que ele preveja a sobrevivência do formato impresso, pois seríamos simplistas ao imaginar que uma nova tecnologia vai substituir completamente e de imediato formas mais antigas, apesar da disseminação dos meios tecnológicos.

1.2 A importância da leitura dentro da sociedade e como ela é formada.

A leitura é algo muito amplo, não pode apenas ser considerada como uma interpretação dos signos do alfabeto. Produz sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido.

Tal aprendizagem está ligada ao processo de formação geral de um indivíduo e sua capacitação dentro da sociedade, como por exemplo: a atuação política, econômica e cultural, o convívio com a sociedade, seja dentro da família ou no trabalho.

Para os gregos, a leitura é a idéia simples, baseada na decifração dos códigos lingüísticos, sendo o bastante para modificar a estrutura de uma sociedade, o que não corresponde com a realidade. O indivíduo modifica sua visão de mundo através da leitura, não pela sua forma.

Iremos nos basear em duas diferentes formas e níveis de leitura: a leitura sendo apenas uma decodificação mecânica dos signos lingüísticos, abordada pela pedagogia, onde a prática é formal e está apenas ligada às atividades geralmente desenvolvida pelas escolas; e a leitura como um processo de compreensão, que abrange os componentes sociológicos, estudando os aspectos sociais da vida humana, que terá seu foco na transmissão do gosto pela leitura no ambiente familiar.

Há três níveis de leitura: o sensorial emocional e o racional, que estão inter-relacionados, trazendo uma enorme riqueza ao texto.

O nível sensorial é diretamente ligado aos sentidos; o emocional lida com as emoções de cada indivíduo e o racional concentra-se na parte intelectual, dinâmica e questionadora.

Segundo Vieira¹⁵, o nível sensorial é muito rico podendo ser amplamente explorado no âmbito familiar. Desde a gestação do bebê, a mãe ao embalar a criança com a canção de ninar, já estimula o interesse de ler. Sendo assim, a leitura não é somente o impresso, mas a música, os desenhos, enfim, todos são modos de leitura que podem ser trabalhados em família no aconchego do lar.

O ato da leitura é muito mais do que simplesmente ler um artigo de revista, um livro, um jornal. Ler se tornou uma necessidade, é participar ativamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o universo através das palavras, além do fato que ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas idéias, experiências.

Através de um livro, milhares de crianças podem descobrir um universo de aventuras, um mundo só seu, repleto de magia que é concedido nas páginas de um livro.

A leitura é uma atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova visão do mundo. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos livros e a realidade encontrada em seu meio social. A criatividade, a imaginação o raciocínio se sobrepõem diante deste magnífico cenário, criando um palco de possibilidades.

Cada leitor ao fazer uma leitura, trava um contato direto com o texto, trazendo para o seu objeto de leitura as suas experiências pessoais, suas ideologias, seus conceitos, é isto que faz o ato de ler tão importante. O leitor se tornará um co-autor do texto, deixando suas características e

¹⁵ Letícia Alves Vieira, graduada no curso de biblioteconomia da UFMG.

impressões, segundo Josef Soares ¹⁶, “cada leitura é uma nova escritura de um texto. O ato de criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor, mas o leitor”. Ler não é descobrir o que o autor quis nos dizer, “[...] ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e nesse trabalho que ele se constrói leitor. Suas leituras prévias, suas histórias como leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho o constitui como leitor e assim sucessivamente”¹⁷.

Passamos a reconstruir, por exemplo, quadros complexos, envolvendo personagens, ações, fatos, criamos situações, mundos diversos e particulares, onde cada indivíduo passa ser o mentor da sua própria imaginação.

São várias as qualidades despertadas pelo hábito da leitura nas crianças, como por exemplo, a criatividade à medida que lhe proporciona oportunidades de conhecer alternativas para questões reais e cotidianas. A visão de mundo, o conhecimento de culturas, situações, pessoas e idéias diferentes, tais conceitos nos auxiliariam, por exemplo, no combate ao preconceito, abrindo assim a mente para o diferente.

O vocabulário de uma pessoa que tem o hábito de ler é amplo, pois a aptidão para ler com proficiência é o mais significativo indicador de bom desempenho lingüístico, permitindo ao leitor ter uma quantidade de informações sobre quase todos os domínios do conhecimento, sabendo hierarquizá-las, estabelecendo as devidas correlações entre elas e discernindo as que se implicam das que se excluem, utilizando-as apropriadamente como recursos argumentativos para sustentar suas idéias.

A capacidade de compreensão adquirida pela interpretação é fundamental. No Brasil, o número de analfabetos funcional é alarmante, trata-se daquelas pessoas que sabem ler e escrever, mas que não compreendem o que estão lendo.

O hábito de leitura neste ponto é primordial, pois quanto mais se lê, mais aumenta a capacidade de compreensão do mundo de cada indivíduo, lembrando que isso vale para qualquer tipo de leitura, desde os célebres e clássicos romances como a leitura diária de uma crônica num jornal.

¹⁶ SILVA, Klyvia Larissa de Andrade. Formar Leitores: um desafio da escola. **Revista ABC Educatio**, p. 42-46.

¹⁷ Ibidem.

Segundo dados da revista ABC do Educatio, a escola é tida hoje como ponto central na divulgação da leitura/ literatura, no entanto ainda deixam a leitura à deriva, ensinado apenas os comportamentos alfabéticos, ou seja, alfabetiza, mas não desenvolve as condutas necessárias para constituir um leitor.

Outro dos pontos principais que não podemos deixar de citar é a família, pois é através dela que normalmente surge o primeiro contato com a leitura.

Porém, em uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora, ou não tiveram acesso a leitura, o tempo para dedicar-se à formação de seus filhos como leitores é cada vez menor. Então, resta à escola a responsabilidade de desenvolver esta habilidade em seus alunos, ressaltando que no âmbito escolar, é o seu caráter interdisciplinar o traço de maior relevo, já que interfere decisivamente no aprendizado de todas as demais matérias do currículo.

A escola, dessa forma, toma como prioridade a aprendizagem da leitura, ‘aprender a ler’ para, então ‘ler para aprender’, quer dizer, apropriar-se de uma competência para compreender os diferentes tipos de textos, existentes no seu contexto social, e também fora dele.¹⁸

Devemos motivar os alunos para que vislumbrem as diversas e diferentes razões para lermos. Lemos para obter informações, para receber instruções, para obter e aprofundar conhecimentos, para passatempo, por prazer, por gosto, para estabelecer comunicação com outrem, para melhor compreender o meio em que vivemos, para encontrar, à distância, com quem trocar idéias sobre tudo aquilo que pensamos do mundo exterior e interior. Nesse sentido, a leitura tem uma função ao mesmo tempo social e individual. E é neste universo que a criança deverá ser ‘convidada’ a se integrar.

1.3 Quais as barreiras que encontramos ao ler?

A maior parte das pessoas hoje não tem por hábito a leitura diária de um jornal, uma revista, como fim de manter-se atualizado e integrado com as diversas notícias que surgem a cada instante. Tais pessoas mantêm suas vidas restritas apenas a comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes. Por terem opiniões parecidas com as suas, como uma conversa informal

¹⁸ SILVA, Klyvia Larissa de Andrade. Formar Leitores: um desafio da escola. **Revista ABC Educatio**, p. 42-46.

entre amigos, forma-se um grande círculo vicioso, onde as informações ficam restritas, não havendo uma opinião focada crítica e concreta, somente dados expostos de formas simples e sem julgamentos.

Segundo Scarpa¹⁹, “é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido”. É primordial em meio à globalização incentivar a formação dos leitores, garantindo assim uma convivência pacífica com as diversidades que nos cerca.

Quando lemos um bom livro e nos deixamos ser transportados para uma realidade paralela, onde à medida que cada página é virada, o leitor é submetido a universo único, repleto de descobertas, encantamento e diversão.

Não nos limitamos a um só tipo de leitor, ou o que cada leitor está lendo e sim o prazer que ele mantém ao ler tal livro ou tal poesia.

O papel da escola é fundamental nesse processo, e o professor é seu o maior mediador. Nem sempre ele se disponibiliza, além de não dispor, às vezes, de recursos adequados para realizar tais atividades, ou simplesmente não sabem como implementá-las.

Em um país que ainda sofre com a deficiência no ensino público e com o alto índice de analfabetismo funcional, todas as tentativas que incentivem e transformem nossos brasileiros em leitores são extremamente bem-vindas.

Segundo as estatísticas apresentadas pela Revista Nova Escola, o último Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional (Inaf), divulgado no início de 2008 pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, revela que apenas 28% dos brasileiros com idade entre 15 e 64 anos têm domínio pleno da leitura e da escrita, conseguem ler textos longos, relacionar os assuntos abordados, ou menos comparar os dados apresentados e os 72% possuem habilidades básicas e rudimentares limitando-se à compreensão de títulos, frases e textos curtos.²⁰

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos adolescentes está na forma de ler. O livro oferece uma mensagem elaborada a ser decifrada e compreendida, porém para obter este saber é necessário decifrar os signos escritos e compreendê-los. Acontece que maioria dos casos os alunos somente ‘passam os olhos’ sobre o texto e não compreendem o que está sendo proposto pelo autor.

¹⁹ Regina Scarpa, consultora pedagógica da revista Nova Escola.

²⁰ LINARDI, Fred. O X da questão_ Num país castigado pelo analfabetismo, projetos de incentivo à leitura são muito mais do que bem-vindos: são fundamentais. Nova Escola edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 7-9, 2008.

Muitos estudantes lêem sem compreender, decifram o texto sem compreender o que o texto realmente traz de informatividade. É importante salientar que, para um leitor capacitado, a principal proposta da leitura é compreender qual é a mensagem, com o objetivo de buscar analisar todos os pontos abordados pelo autor de uma forma coerente e ágil. Já para um leitor inexperiente, como por exemplo, uma criança, quando aprende a ler, cuja principal tarefa é decifrar as letras, sua leitura será, provavelmente, mais lenta, antes da compreensão da mensagem, ela deverá discriminar e identificar as letras, combinando-as entre si, reconhecer o seu significado, relacioná-las e por fim compreender a mensagem daquele texto.

Podemos estimular estas crianças, fazendo uma leitura em voz alta dos textos trabalhados, mostrando a elas modelos de leitura, pois o professor é o modelo de leitor. Desta forma elas podem se orientar melhor, inclusive guiando-se com o dedo, e aos poucos as frases serão entendidas. Logicamente, devemos relacionar a leitura com bons hábitos, o estímulo deve começar cedo, pois são importantes para o desenvolvimento de relações produtivas como o saber garantindo assim um melhor aprendizado.

O fracasso na leitura pode ocasionar diversos problemas na vida social e escolar do indivíduo, e neste contexto, de modo geral, a leitura ainda é entendida como uma simples compreensão do sentido literal das palavras, ou seja, do sentido contido no dicionário e atribuído aos signos do texto. E como toda palavra é referência lingüística ao mundo, o educador acaba se contentando com a leitura da mensagem literal do texto e com os efeitos empíricos desta mensagem, podendo gerar como consequência o mau rendimento escolar. Mesmo na vida social, a criança ou adolescente não possuirá um senso crítico, não compreenderá o mundo em que vive, será o que se entende por analfabeto funcional.

Ler, de fato, não é tarefa simples, pois exige do leitor o trabalho sensível e inteligente de desconstrução do texto, ou seja, de reconhecimento do jogo complexo dos signos, tornando aquilo que parece trivial aos olhos de um leitor pouco crítico num modo simbólico e profundo de revelação particular da realidade humana.

No entanto, o leitor ideal existe; e este não pode restringir o ato da leitura ao movimento único de decifração lingüística da mensagem do texto, mas deve completar este movimento

receptivo pelo reconhecimento do uso social e ideológico dos signos, ativado pelo autor, na construção desta mensagem.

Assim, autor e leitor, sujeitos históricos inseridos num determinado contexto, momento e espaço sociais, são elementos igualmente determinantes dos efeitos de sentido de um texto. Em outros termos, relacionar os signos de um texto com os sujeitos interlocutores implica competência intelectual do leitor para ler não só o conteúdo literal da mensagem, mas, sobretudo para descobrir as estratégias e mecanismos sociais de construção do sentido final da mensagem.

Diversos fatores nos levam a concluir que vários sujeitos possuem hábitos inadequados de leitura.

1.4 O que a literatura pode resgatar e nos ensinar?

A leitura por si só nos traz um universo todo especial, e é por este tato que tentamos reconhecer o mundo que nos cerca e a nossa própria essência dentro de um simples texto. A experiência da leitura é a nossa aventura, a história romântica que vivemos pelo simples ato de abrir um livro, algo do encanto da descoberta da infância permanece em cada livro, em cada troca de página. Para muitos a leitura é sinal de felicidade.

Quanto há de lúdico em uma breve leitura? Basta observar os desacertos das crianças no emprego correto das palavras. Quando a criança, ao começar a ler, ela seleciona cada palavra, cada som, e brinca com eles, ela se arrisca reordenando as frases e os sons de acordo com sua realidade, conforme o seu desejo.

A experiência da leitura tem um poder estranho, uma energia única que cerca cada leitor, acende a imaginação, despertando em cada um a capacidade de imaginar o como seria e o que poderia ser.

Dentre muitos poetas e pensadores, podemos nos reportar ao primeiro autor que referiu-se à leitura como sinônimo de alegria e felicidade.

No século XVI, Miguel de Montaigne²¹ mostra seus estudos e se torna um dos precursores dos estudos do mundo da leitura, o homem como leitor. Suas idéias notáveis são bem ilustradas em seus famosos livros e em seus ensaios, que colocaram o homem na tela do juízo, fazendo da compreensão pela leitura o principal foco de conhecimento. Montaigne influenciou diretamente grandes pensadores como Nietzsche, Freud e até Marx. Todos eles nos ajudam até hoje a montar e a figura do homem no século XX. Marx desvenda a face do interesse, o homem e a sua base material e social, Freud apresentou o homem e o seu inconsciente, sua personalidade. Mas é através de Nietzsche, que somaremos as questões dos valores em primeiro plano.

Nas diversas discussões sobre leitura, também podemos citar Gautier e Proust, que concordaram totalmente com as idéias de Montaigne: eles nos mostraram que a leitura é algo necessário, porém com limites.

Segundo Proust, a leitura é capaz de nos dar algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender este desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não pode substituí-la. A leitura é algo que nos leva limitar a vida e o espírito, mas não a constitui. Quem deve constituir a vida é o leitor, o mesmo deve de algum modo descobrir por si só o seu universo. Ir além das palavras e da imaginação, compreender o que realmente o autor quer transmitir com suas palavras, pois texto se apresenta como uma operação cuidadosamente planejada, executada pelo autor, para provocar, no leitor, potenciais reações.

2. QUEM É A CRIANÇA?

2.1 O desenvolvimento da linguagem

Os estudos da Psicolinguística nos levaram a diversos caminhos de pesquisa. É ela que analisa qualquer processo que diz respeito à comunicação humana, mediante o uso da linguagem, seja ela de forma oral, escrita, gestual etc. Essa ciência também estuda os fatores que afetam a

²¹ ZILBERMAN, Regina. Leitura: história e sociedade. Série Idéias n.5. São Paulo: FDE, 1988. p.13-17. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.php?t=001 acessado em 15/11/2009].

decodificação, ou seja, as estruturas psicológicas que nos capacitam a entender expressões, palavras, orações, textos.

Pontos de pesquisas que durante anos levaram autores como Skinner, Chomsky, dentre outros, a procurar entender como o ser humano desenvolve sua linguagem, seu pensamento e adquire capacidade de raciocinar dentro de uma sociedade e como indivíduo.

O Behaviorismo argumenta que a aquisição da linguagem é atingida por meio da experiência. A criança, segundo Skinner, inicia sua aprendizagem como uma “tabula rasa²²”, totalmente em branco, e seus conhecimentos lingüísticos são constituídos por meio de estímulos e respostas, imitações e reforços.

Chomsky, grande seguidor das pesquisas de Skinner, aprimorou seus estudos e criou “a questão de Platão²³”, o inatismo e a questão de Descartes²³, que defendia a criatividade. A base de sua teoria está no entendimento de que linguagem humana é inata, fazendo parte da herança genética do homem. A criança nasce pré-programada para adquirir a linguagem e é capaz de, a partir da exposição à fala, construir suas hipóteses sobre a língua a que está imersa.

Para Chomsky, a língua é um sistema representado na mente/ cérebro do indivíduo. Quando uma criança é exposta, na idade correta, a um determinado conjunto de dados lingüísticos produz naturalmente uma língua “dados bastantes limitados são suficientes para desenvolver uma língua rica e complexa²⁴”. Segundo a teoria inatista, o ser humano vem “equipado” com uma Gramática Universal (GU). Há um dispositivo inato de aquisição que permite que a criança, exposta ao INPUT, construa hipóteses sobre sua língua, escolhendo os parâmetros que deverão ser marcados ou fixados, gerando a gramática de sua língua nativa.

A visão cognitivista construtivista de Piaget do desenvolvimento mental é normalmente considerada como se situa entre os dois extremos tradicionais o racionalismo de Chomsky e do empirismo de Skinner. A “teoria de conhecimento” nos propõe que o ‘conhecimento’ resulta de

²² MELO, Lélia Erbolato. Tópicos de psicolingüística aplicada. 2ª edição, São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 1999.

²³ Ibidem p. 17

²⁴ Ibidem p.17

uma atividade estruturada por parte do sujeito, que decorrem de seu próprio comportamento, que gerará ações, por meio da interação do sujeito com o objeto da aprendizagem, ou seja, o pesquisador entende a aquisição da linguagem como dependente do desenvolvimento da inteligência da criança, e sob esse ponto de vista, a linguagem surge quando a criança desenvolve a função simbólica. É necessária a mediação do outro entre a criança e o mundo, porém é interessante ressaltar que a criança não espera passivamente o conhecimento, mas o constrói a partir das relações estabelecidas através dessa mediação.

A fonte da inteligência, segundo Piaget, não está no grupo social, mas sim nas próprias ações do indivíduo sobre seu meio, e afirma também que o desenvolvimento da linguagem é limitado pelo desenvolvimento cognitivo, no sentido de que há aspectos de linguagem que a criança só poderá executar depois de ter atingido um nível correspondente de controle cognitivo.

Diante de diversos questionamentos, tais como: “Por que as crianças falam? Quais são seus objetivos ao usar a linguagem? Que função a linguagem infantil exerce?²⁵”, ele tenta classificar cada sentença emitida pelas crianças, e conclui que existem duas amplas categorias de linguagem: “Linguagem não comunicativa ou egocêntrica”, que se mediará nas repetições (ecolalia), quando a criança faz do uso de repetições de uma ou mais palavras, nos monólogos, a criança fala para si mesma, como se pensasse em voz alta e a “linguagem comunicativa ou socializada”, em que a criança irá se comunicar socialmente com os outros interlocutores, por meio de perguntas e respostas.

Hoje vemos que há muitas discussões com base nos pensamentos de Vygotsky na área da educação e da psicologia, o que nos remeterá a uma reflexão sobre as suas relações com Piaget. No Brasil, Piaget tem sido a base teórica para todos estes estudos, e a semelhança entre os dois teóricos é grande. Mas seus pontos de vista, com a mesma facilidade com que se encontram, se separam, criando um denso e complexo ponto de reflexão. Vygotsky, nos falará que a criança desenvolve sua aprendizagem, o seu desenvolvimento psicossocial, dentro de uma sociedade, ou seja, através de estímulos. A criança, além de seus conhecimentos prévios, necessita interagir com o outro para aprender, podemos então concluir que a comunicação humana pode ser

²⁵ Ibidem p.17

considerada como uma contínua percepção-compreensão-produção; e a riqueza da linguagem faz com que esse contínuo se processe de várias maneiras.

2.2 O aprender

Cada ser humano tem a possibilidade de pensar em objetos ausentes, imaginar coisas nunca vistas, e nem presenciadas, planejar ações a serem realizadas em momentos posteriores. Esse tipo de ação psicológica é considerado superior. Temos as ações elementares, reflexivas ou automáticas, como por exemplo, a sucção do seio materno pelo bebê, ou quando escutamos um barulho alto e projetamos a cabeça para um sentido oposto, ou ainda quando fazemos à associação de eventos, como o ato de não colocar a mão em uma chama de uma vela.

Um ponto chave para compreendermos as concepções de Vygotsky sobre o funcionamento psicológico é o conceito da mediação. A mediação é o processo de intervenção de um indivíduo em sua ação, ou seja, toda ação tem uma consequência.

Kohl²⁶ utiliza um simples exemplo, que nos possibilitará entender o que Vygotsky nos propõe: quando um indivíduo aproxima sua mão da chama de uma vela e a retira rapidamente ao sentir dor, cria-se um círculo, uma relação direta entre o calor da chama e a mão retirada. Porém, quando o indivíduo, sente o calor da chama em suas mãos e antes mesmo de sentir a dor, ela a retira, estará fazendo uma mediação com a lembrança da experiência anterior, criando-se um processo simples de estímulo e resposta.

Há dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. O uso dos instrumentos na atividade humana possui uma forte ligação com os marxistas, pois nosso teórico sempre buscou compreender as características do homem através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana, como o surgimento do trabalho e a formação das sociedades com base no trabalho, sendo tal processo o que fará distinção entre a humanidade das

²⁶ OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione: 1997.

demais espécies. Os instrumentos são elementos externos ao indivíduo, voltados para fora dele, com a função de provocar mudanças nos objetos e controlar os processos da natureza.

O uso do signo são as interpretações como representação de uma realidade e podem referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presente. Podemos utilizá-los de diversas formas, como auxílio no desempenho de nossas atividades psicológicas, por exemplo, fazendo uma lista de compras por escrito, utilizar um mapa, diagramas para a construção de objetos e até mesmo casas ou um pequeno nó em uma fita, para lembrarmos alguma atividade, entre muitos outros.

Este sistema de representação da realidade nos mostra uma das principais colocações de Vygotsky, segundo a qual toda linguagem é um sistema básico de todos os grupos humanos, portanto socialmente dados por ela. Sendo assim, é o grupo cultural ao qual este indivíduo pertence, onde se desenvolve e fornece as formas reais para construção e organização de seu psicológico. Criando-se uma mediação entre o indivíduo e o mundo.

O grupo cultural o qual a criança pertence, nasce e se desenvolve, funcionará como base para a formação de adultos politicamente condicionados a viver de acordo com os modos culturalmente estabelecidos por seu grupo cultural.

O ser humano é um animal cultural, social e histórico. Dotado de inteligência e sensibilidade, é, a um tempo, *racional e afetivo*. Exerce, permanentemente, uma atividade cognitiva. Para a compreensão das coisas que o cercam e para a sua atividade, utiliza como instrumentos de intermediação entre ele mesmo e os outros, entre ele mesmo, os outros e o mundo envolvente, sistemas simbólicos. Através desses processos, o ser humano constrói, conhece e interpreta. As coisas do mundo são transformadas em recortes culturais.

É importante ressaltar que quando falamos de cultura, não estamos nos referindo somente a um determinado país, ou grupo social e sim ao conjunto, como a classe socioeconômica, os costumes de seus países e principalmente à influência que os pais exercem sobre elas, em seus modos de ver a vida e solucionar os problemas nelas encontrados ou até mesmo em suas práticas profissionais, lembrando que o ser humano é também um animal social, pois desde os tempos

mais remotos, não vive sozinho, mas reúne-se em grupos, em comunidades, e todos os grupos humanos têm um ordenamento social.

A relação interpessoal, portanto, é a chave para o desenvolvimento psicológico e individual de cada pessoa. A cultura, para Vygotsky não é apenas um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas sim um ‘palco de negociações’, em que seus membros estão em um constante movimento, criando e recriando ações e informações, conceitos e significados.

A vida social de cada um é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e interage diretamente com o mundo real e o mundo subjetivo de cada um. O processo de interiorização da matéria-prima fornecida pela sociedade não é uma absorção passiva, cada um sofre uma grande transformação ao passar por ele. Tal processo para Vygotsky é um dos principais e mais importante mecanismos a serem compreendidos pelo ser humano. Como ao longo de sua vida e de seu desenvolvimento o homem consegue ‘tomar posse’ das formas de comportamento fornecidas pela cultura, na qual as atividades passam de externa para funções interpessoais transformando-se em ações internas, intrapsicológica.

O termo cultura origina-se do latim *cultura*, através do alemão *kultur*. Não se deve entendê-lo como verniz, enfeite ou adorno das pessoas. Trata-se, ao contrário, de um *patrimônio coletivo*. Universo complexo compreende um sistema de valores, uma ideologia, uma axiologia; compreende também, um sistema de crenças; compreende, ainda, hábitos, costumes e ritos.

Assim, o universo cultural de uma comunidade humana confere-lhe a identidade cultural e, simultaneamente, a consciência histórica de sua continuidade e permanência.

2.3 Desenvolvimento e aprendizagem

O desenvolvimento, segundo Vygotsky, acontece de “fora para dentro”. Primeiramente, realizamos as ações externas, que serão interpretadas pelos demais do grupo, de acordo com os significados pré-estabelecidos; a partir dessa interpretação será possível atribuímos significados

às nossas ações e desenvolver os processos psicológicos internos que podem ser interpretados por cada um de nós de acordo com os mecanismos estabelecidos e compreendidos pelos diferentes grupos culturais, como ocorre quando um bebê tenta, por exemplo, pegar um objeto que está fora de seu alcance e aponta, a fim de mostrar o que deseja através de seu gesto.

O pensamento e a linguagem se desenvolvem de formas totalmente diferentes. Antes que a linguagem e o pensamento se associem, a criança pequena passa por alguns processos os quais denominamos de fase pré-verbal e pré-intelectual.

Quando a criança ainda é pequena, ela criará uma capacidade básica para resolver problemas práticos, e utilizará instrumentos e meios indiretos para conseguir objetos, ou até mesmo saciar uma vontade, como tomar água e mostrar que está com fome, por exemplo.

Nesta fase, por mais que a criança não se utilize da forma verbal para se comunicar, ou seja, não utilize a linguagem enquanto sistema de fala usará outros métodos de comunicação muito eficazes, como por exemplo, o choro, o riso, o balbucio e os gestos.

Quando os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem estão totalmente formados e se unem, surgindo assim, a linguagem verbal e racional, o ser humano passa a ter um funcionamento psicológico mais sofisticado. Contudo, faz-se necessário ressaltar que, para Vygotsky, o surgimento desse funcionamento não elimina a presença da linguagem irrefletida, ou seja, a linguagem emocional ou repetições automáticas de frases decoradas.

A função principal da linguagem é a comunicação social. A criança primeiramente utiliza a fala socializada, com a função de comunicar, de manter um contato social e com seu desenvolvimento, ela passa a ser capaz de se utilizar da sua própria linguagem. Neste processo de pesquisa e estudos sobre o discurso socializado e o discurso interior, recorreremos a uma fase primordial, que completará este ciclo e permitirá uma compreensão do tema, a “fala egocêntrica”.

O bebê é considerado o membro mais imaturo de seu grupo social, passando por um processo de aquisição de linguagem que já existe no meio em que vive. Em suas primeiras fases a

criança utilizará diversas formas para se comunicar com o seu grupo, usando uma linguagem própria.

Num certo momento de seu desenvolvimento, a criança passa a utilizar uma linguagem egocêntrica, falando alto para si mesma, independentemente das pessoas que a cerca no momento. Tal atitude se explica ao fato de a criança projetar seus pensamentos e suas interpretações em voz alta; somente ela saberá, porém, o que está sendo relacionado no momento. Podemos considerar esta fase como transitória, em que a criança já possui a função que terá como base em seu discurso interior, mas a associação da fala socializada, externa, ainda não está formada.

É importante mencionar que esta questão é o ponto de maior divergência entre Piaget e Vygotsky. Piaget postula uma trajetória “de dentro para fora”, enquanto Vygotsky considera o percurso contrário “de fora para dentro” do indivíduo, ainda que considere também construções internas individualizadas, mas sempre a partir de um referencial externo. O discurso egocêntrico é considerado, portanto, como um processo transitório que seguem caminhos totalmente opostos por nossos teóricos. Mesmo nunca tendo se conhecido ambos discutiram seus pontos em comum em suas obras.

O desenvolvimento da linguagem é um dos pontos centrais dos estudos de Vygotsky que define tal discussão com as seguintes palavras:

“[...] a relação entre pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento para a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas em desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é um simples expresso em palavras; é por meio delas que ele passa existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Esse fluxo de pensamento corre como um movimento interior através de uma série de planos. Uma análise da interação do pensamento e da palavra deve começar com uma investigação das fases e dos planos diferentes que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras. [...] A primeira coisa que esse estudo revela é a necessidade de se fazer uma distinção entre os dois planos da fala. Tanto o aspecto interior da fala_ semântico

e significativo _ quanto ao exterior_ fonético, embora formem uma unidade. A unidade da fala é uma unidade complexa, e não homogênea.”²⁷

Ao lado de suas preocupações constantes com as questões do desenvolvimento, Vygotsky enfatiza a importância dos processos de aprendizagem. Desde o nascimento da criança, seu aprendizado está ligado ao seu desenvolvimento e “é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”²⁸.

Podemos pensar em um indivíduo que vive em um meio cultural isolado da sociedade, que não dispõe de um meio de escrita. Se esse indivíduo jamais sair, ou seja, se continuar neste meio sem nenhum estímulo, poderá jamais ser alfabetizado. É o processo de leitura e escrita que desperta e desenvolve este processo em um indivíduo.

Se pensarmos de uma forma mais concreta e observarmos, por exemplo, uma criança normal que eventualmente crescesse num ambiente formado exclusivamente por surdos-mudos, não desenvolveria nenhuma linguagem oral, mesmo que tivesse requisitos próprios para isso. Esse fenômeno ocorre devido à falta de estímulos que esta criança terá em seu ambiente de aprendizado. Toda criança desenvolve seu aprendizado por meio da prática e da observação. “O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial para o seu desenvolvimento.”²⁹

Nas sociedades letradas, as escolas têm como papel principal o desenvolvimento do aprendizado dos indivíduos. Para Vygotsky se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel fundamental na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos. Esta, porém, deve direcionar este ensino para pontos ainda não explorados, incorporados pelos alunos, funcionando como um propulsor de conhecimentos.

²⁷ OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione: 1997- p 53-54.

²⁸ OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione: 1997- p 56.

²⁹ Idem p. 57.

A interação entre os alunos também mostra um papel importante no desenvolvimento infantil. As crianças desenvolvem diversos estágios de conhecimento, variando de criança a criança, de modo que a interação pode favorecer uma troca de saberes, que se tornam mais simples de se compreender, partindo do ponto de que ela se utiliza de linguagem própria, e de fácil compreensão, muitas vezes não percebidas pelos adultos.

Podemos relacionar o uso do brinquedo para a referenciação da aprendizagem, a brincadeira e o “faz-de-conta”; brincar de casinha, escolinha, para citar alguns exemplos. A criança é levada a um mundo imaginário, onde as situações são definidas pelo significado estabelecido pela brincadeira e não pelos elementos reais que os envolvem. Elas criaram associações com os objetos imaginários (um pequeno pedaço de madeira que se transforma num magnífico carrinho de corrida) ajudando a criança a separar objeto dos significados. O brinquedo, a fantasia provê, assim, uma situação de transição entre ação da criança com objetos concretos e suas ações com significados.

Quando estabelecemos as regras das brincadeiras, fazemos com que a criança se comporte de forma mais avançada daquela habitual para a sua idade. As mesmas se espelham no real para desenvolver a sua fantasia, como no caso de um menino que, dirigindo o seu pequeno carrinho, se espelha no pai; os pais são os espelhos de seus filhos. O que na vida real é natural e passa despercebida, na brincadeira passa a ser uma regra e contribui para que a criança entenda o universo particular dos diversos papéis que desempenhará em sua vida.

As escolas devem se utilizar deste precioso recurso e de situações imitativas para atuar no processo de desenvolvimento das crianças. A leitura também pode ser um recurso extremamente útil, pois fará com que a criança utilize mais ainda o todo o seu intelectual aumentando o seu campo de conhecimento e aprendizagem.

3. LEITURA E SOCIEDADE

A história da leitura da cultura e dos livros tem uma longa tradição, mas somente há pouco tempo ela se ampliou para compreender plenamente a trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais.

Roger Chartier³⁰ fez uma enorme inovação com seus estudos, ao demonstrar que é possível estudar a humanidade pela evolução de seus escritos. Em seus estudos, o pesquisador traz grandes contribuições, na medida em que os diferentes interesses e usos se aproximam dos leitores. Suas pesquisas serviram de base para os estudos de outras grandes pesquisadoras como as argentinas Emilia Ferreiro e Delia Lerner, em particular à noção de que a leitura não implica uma elaboração de significados que não estão apenas nas palavras escritas, mas precisam ser construídos pelo leitor e estimulados pelo seu meio.

Chartier compreendeu que um texto não é apenas uma abstração e que ele só existe graças à maneira como ele é transmitido, e que as novas tecnologias lhe dão razão. A leitura da internet, por exemplo, costuma ser destituída e fragmentada, e o leitor raramente percebe o sentido do que está lendo e da continuidade, diferentemente o manuseio de um jornal, em que o leitor tem total domínio e atenção sobre o que está fazendo.

Esta é a diferença fundamental, que faz da leitura dos livros totalmente mais profunda e duradoura, a sobrevivência deste formato impresso, apesar da disseminação dos meios eletrônicos, será sempre preservada.

Podemos dizer que o que temos hoje como leitura, é o resultado das diferentes temporalidades, que fazem do presente o que ele é, ou seja, a herança e a captura, invenção e inércia ao mesmo tempo, são frutos de diversos trabalhos, diversas interpretações, os leitores fazem de cada leitura uma história diferente.

O trabalho que fazemos como historiadores do livro é mostrar que o sentido de um texto depende também da forma material como ele se apresenta a seus leitores originais e por seus autores. [...] Por meio dela, podemos compreender como e por que foi editado, a maneira como foi manuseado, lido e interpretado por aqueles de seu tempo.³¹

³⁰ Especialista francês em história da leitura, professor- titular de Escrita e Cultura da Europa Moderna do Collège de France.

³¹ FERRARI, Márcio. Pesquisador francês estuda os significados sociais dados aos textos pelo autor e pelo leitor. Nova Escola, São Paulo: Abril, nº. 220, mar. 2009.

Os benefícios que a leitura promove em sua sociedade são inúmeros, o resgate da cidadania, desenvolvimento de um olhar crítico e competências, a integração social, a ampliação de seus horizontes e de seu vocabulário além de profissionais capacitados e competentes. A leitura deve complementar o domínio da escrita e cabe ao professor e aos pais a estimular o pensar, o refletir, o participar e o agir destes indivíduos.

A leitura é um dos meios mais importantes para as novas aprendizagens, possibilitando a construção e o fortalecimento de idéias e ações, ninguém se torna um leitor por obrigação, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos, ou seja, os pais, são muito importantes à medida em que eles são vistos lendo ou escrevendo perto dos pequenos.

3.1 Os contos de fadas e o papel dos pais no desenvolvimento social da criança.

Para haver o interesse da criança pelo livro, a mesma deve criar um vínculo de afetividade, compreender o livro como um brinquedo, para não se contaminar com a idéia de que ler é chato. Se for necessário ler mais de uma vez o mesmo livro para a criança, porque fazendo assim, ela pode estar ativando alguma área de sua inteligência para compreensão, e não devemos perder de vista que a princípio, somos nós adultos que devemos despertar o seu interesse. O contato com a leitura desde cedo rende frutos na vida adulta.

Quando se conta uma história para uma criança, a linguagem oral se mistura com a escrita. Mas quando se lê, há o contato com a linguagem oral e escrita bem maior que é fundamental no processo de formação de um leitor. O trabalho com as crianças não alfabetizadas é de extrema importância, pois é a partir deles que constituiremos a base de nossa sociedade.

Ao ler devemos envolver a criança, criar uma ambientação propícia, quase um suspense... pois as crianças gostam é a leitura torna-se mais atraente e divertida, verificando-se que as preferências de nossos pequenos leitores são pelos livros-brinquedos e pelos contos de fadas.

Os contos de fadas apresentam sempre conflitos universais. A aparição de bruxas más e provações ajudam a criança a interpretar melhor a vida real e identificar seus próprios medos, criam uma base para a formação de sua personalidade. A criança interpreta a simbologia contida nessas histórias de acordo com suas vivências.

O Era uma vez... O mundo dos Contos de Fadas são oportunidades ímpares de poder para a formação de excelentes e permanentes leitores. O grande escritor infantil Hans Christian Andersen é uma boa oportunidade para explorar a fantasia das crianças com histórias clássicas que serem encantaram e encantam gerações, como “O Patinho Feio” e “O Soldadinho de Chumbo”, dentre muitos outros.

Não há como referir-se aos contos de fadas e deixar de mencionar Hans Christian Andersen. A vida deste dinamarquês daria um verdadeiro conto de fadas. E de certo modo em suas narrativas estão contidas muito de suas tristezas e alegrias. Ele é o autor de cerca de 160 contos e seis romances, além de poesias, tendo sua obra traduzida para mais de 100 línguas.

Sua genialidade está expressa em sua leveza ao escrever, nas suas poesias e na melancolia com que trata o sofrimento infantil, tal característica o consagra como o primeiro escritor infantil.

Era uma vez... um garoto pobre e feio que queria ser ator. Uma de suas poucas alegrias era assistir histórias populares encenadas pelo pai, que era sapateiro, em um teatrinho feito de papelão. Quando o pai morreu, o sonho do menino ficou mais distante, já que ele teria que sustentar a família. Um dia, o garoto partiu para bem longe e passou fome e frio até conhecer um homem que pagou seus estudos e viagens pelo mundo. O menino não se tornou ator, mas ficou rico e famoso escrevendo histórias infantis.³²

É fácil reconhecer um conto de fadas. Animais que falam e ganham vida, fadas madrinhas que guiam nossos sonhos, reis e rainhas também não podem faltar, assim como príncipes e princesas e a famosa introdução "Era uma vez ...".

As narrativas sempre se passam em lugares distantes, muito longe daqui... Seus personagens possuem nomes comuns ou apelidos, como João e Chapeuzinho Vermelho. Esses elementos facilitam a memorização, aguçam a imaginação dos nossos pequenos leitores e tornam a narrativa apropriada à oralidade. No conto maravilhoso, o leitor é transportado para um mundo onde tudo é possível: tapetes voam e galinhas que põem ovos de ouro, bruxas com maçãs envenenadas, anões e gigantes. Essa é a magia da fantasia.

³² BENCINI, Roberta. Era uma vez... O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores, Nova Escola, São Paulo: ABRIL, nº185 set/2005.

As histórias infantis e os contos populares existem desde que o ser humano adquiriu fala. Há histórias oriundas de diversos pontos do mundo como África, Índia, China, Japão e no Oriente Médio. Na coleção de contos árabes, temos, por exemplo, uma das mais famosas: “As mil e uma noites”, obra esta que se compõe de diversos contos, todos ligados entre si, despertando assim maior interesse do leitor para desvendar os intricados nós de discursividade. A maior parte destes escritos foi composta entre os séculos XIII e XVI, porém até hoje despertam a curiosidade e o interesse de todos. "A fantasia é um mecanismo inventado pelo homem na era medieval para superar as dificuldades da vida real", conta Katia Canton, especialista em contos e contos de fadas da Universidade de Nova York.

A fantasia e a sutileza dos contos de fadas auxiliam nossos pequenos leitores a lidar com problemas diários como a morte, a separação de seus pais e as brigas com seus irmãos, ajudando-os superar e reconhecer os seus medos. As crianças se identificam com os heróis e experimentam diversas sensações e emoções.

Os contos mais famosos e tradicionais como “O pequeno polegar”, que representa o desejo de vingança do mais fraco contra o mais forte, servirá de embasamento para que na vida adulta, a criança saiba distinguir o bem do mal, e ter a noção que no mundo há ‘fortes’ e ‘fracos’. Que criança não fica com medo ao imaginar o Lobo Mau devorando a Vovozinha? Ou odeia a bruxa quando ela prende Rapunzel na torre, e faz com que Branca de Neve e Bela Adormecida aguardem a chegada de seu príncipe na penumbra?

A agressividade e o descontentamento com irmãos, mães e pais são vivenciados na fantasia dos contos na maior parte das histórias: o medo da rejeição é retratado em “João e Maria”; a rivalidade entre irmãos em “Cinderela”, e a separação entre as crianças e os pais em “Rapunzel” e “O Patinho Feio”.

Para a escritora Machado³³, os contos de fadas pertencem ao gênero da fantasia”. Muitos estudiosos afirmam que as crianças gostam de violência, que um dos prazeres, tanto para crianças

³³ Ana Maria Machado, jornalista, professora, pintora e escritora brasileira.

como até para adultos é ‘pegar emprestado’ grandes aventuras, amores impossíveis e também o poder da vingança. Cabe a nós sabermos canalizar estes pensamentos de forma natural e positiva, para que a criança cresça e se desenvolva sabendo o que é certo e o que é errado.

A leitura destes pequenos textos feitas com a devida atenção, nos proporcionará o conhecimento de nossos alunos de forma muito mais ampla. A partir desse conhecimento podemos trabalhar o potencial de cada um com mais prioridade, formando assim alunos com capacidades múltiplas, para que saibam atuar na resolução e identificação de problemas, interpretando o mundo real de forma mais clara.

3.2 O papel da Escola

As escolas começaram a surgir a partir de 1600. Antes, como já mencionamos, existiam somente alguns estabelecimentos, especialmente religiosos, onde os meninos eram instruídos, para assim trabalhar e ter uma profissão, as meninas, porém, ficavam nas residências para o aprendizado das prendas do lar, à espera de um bom casamento.

Com o passar dos anos, o conhecimento humano foi se tornando algo preciso e começou a expandir-se. As escolas multiplicaram-se para atender a grande demanda, mas tais oportunidades só eram concedidas às classes mais afortunadas, pois tais conhecimentos deveriam ser transmitidos de geração a geração. Grande parte da população desta época continuava analfabeta devido à falta de recursos e os demais preconceitos que cercavam o período.

A industrialização dos séculos XVIII e XIX ajudou a mudar este quadro, aumentando a necessidade de se escolarizar a população a fim de aumentar a mão de obra qualificada. A ciência continuou avançando a cada dia trazendo mais benefícios a toda sociedade, e então a educação, não poderia ser restrita apenas às classes dominantes, estávamos quebrando uma das enormes barreiras impostas pela nossa sociedade, enfim as portas do conhecimento se abriram.

No século XIX, a idéia de uma escola gratuita que atendesse a todos, começou a se tornar realidade e a ser estudada como uma boa oportunidade e uma enorme necessidade. Era o início de uma revolução, que perdurou no século XX, marcado pela implantação dos grandes sistemas

educacionais. A escola elementar tornou-se pública, gratuita e leiga, ou seja, não religiosa, na qual o aluno aprenderia no primeiro momento a ler, escrever e contar.

Todavia, apesar desses progressos, o Brasil entre outros países latino-americanos, ainda hoje não oferece acesso pleno nem mesmo à escola, devido à marginalização e as desigualdades sociais como um todo, e a falta de interesse de alguns alunos para desenvolver suas potencialidades e o conhecimento.

No Brasil ainda não temos um sistema educacional exemplar e único, tampouco nossos profissionais são preparados, avaliados e capacitados. Esses profissionais recebem, muitas das vezes, uma remuneração que quase não chega a suprir suas necessidades básicas. Um profissional que trabalha desmotivado, não consegue transmitir entusiasmo no que faz principalmente o professor, que é uma das molas propulsoras para que o aluno queira permanecer na escola, sendo ele, que com suas palavras seduz o seu aluno para que possa vislumbrar um mundo diferente em que as afirmações como posso, sou capaz e consigo possam ser traduzidas como verdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte representa uma atividade fundamentalmente humana, assim, uma obra de arte provoca efeitos psicológicos, o sentimento do *belo*, difícil de precisar. A arte é a manifestação da alma e da inteligência humana, a partir de um recorte da realidade.

Na Literatura, o homem, por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade, cria o texto por meio do qual se manifesta o seu discurso, que está presente na obra de arte. A Literatura é a arte da palavra, ou melhor, dizendo, a palavra é a matéria-prima da Literatura. Na Literatura, a obra, por meio da palavra, traz um olhar do belo. Assim, os diversos textos passam a ter várias atribuições no seio da vida social. São vistos como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem, geralmente, não imitações da vida, mas metáforas da vida, que conduzem a uma melhor compreensão desta.

A tarefa prazerosa de um leitor, não pode sustentar-se no simples reconhecimento da história lida ou contada, mas deve expandir-se e concentrar-se na apreensão da complexidade e sedução da leitura, que aguarda o leitor, como um observador capaz de dividir com o autor um nível profundo de comunicação intelectual, filosófica e emocional, em que a cada ‘lambida de dedo’ para virar uma página se constitua num espetáculo de descobertas e emoções.

Concluimos que a leitura, desde sempre formou seus pilares dentro da sociedade, e é sem sombra de dúvida, fonte de inspiração, sabedoria e conhecimento. É assim que queremos e acreditamos que sejam os leitores que pretendemos formar.

BIBLIOGRAFIA

BENCINI, Roberta. Era uma vez... O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores. **Nova Escola**, São Paulo: ABRIL, nº185 set/2005.

CAMPOS, Rose. *Arte-educação Uma nova forma de ensinar.* **Páginas Abertas**, São Paulo: Paulus, nº 26, p. 26-34, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Assunto encerrado Discurso sobre literatura e sociedade.** Tradução: Roberta Barni. São Paulo. Campanha das letras: 2006.

COSTA, Bia. Sempre é tempo de ler Gente grande tem mil desculpas para deixar à leitura de lado. Facilitar o acesso aos livros é fundamental para conquistar esse público. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 61-66, 2008.

FERRARI, Márcio. Pesquisador francês estuda os significados sociais dados aos textos pelo autor e pelo leitor. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, nº. 220, mar. 2009.

FERNÁNDEZ RODÍGUEZ, Concepción. **Aprender a estudar/ Como superar as dificuldades nos estudos.** São Paulo: Scipione, 2000.

GUTTMANN, Mônica. Literatura infantil no desenvolvimento emocional e intelectual das crianças. **Páginas Abertas**, São Paulo: Paulus, nº. 32, 30- 32, 2007.

LINARDI, Fred. O X da questão Num país castigado pelo analfabetismo, projetos de incentivo à leitura são muito mais do que bem-vindos: são fundamentais. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 7-9, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?/** Maria Helena Martins, 19. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

MAXIMO, Simone. Livros para o Brasil. **Páginas Abertas**, São Paulo: Paulus, nº. 33, 8-11, 2008.

MELO, Lélia Erbolato. **Tópicos de psicolinguística aplicada.** 2ª edição, São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP: 1999.

MENEZES, Débora. A idade das letras Enquanto avança o processo de alfabetização, aproximar os pequenos dos livros pode fazer toda a diferença. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 31-38, 2008.

NOVAES, Veridiana. **Espaço para sonhar.** **Páginas Abertas**, São Paulo: Paulus, nº. 32, 20-21, 2007.

PRIOLLI, Julia. Fraldas e Livros. Acredite: não é perda de tempo ler para quem ainda nem aprendeu a falar. Conheça seis projetos voltados à primeira infância. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 10-17, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico.** São Paulo, Scipione: 1997.

RIBEIRO, Flávia. Pequenos a bordo. Projetos que trabalham com crianças da pré-escola despertam o prazer da leitura ainda na fase da alfabetização. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 20- 28, 2008.

SGARIONI, Mariana. Semeando o futuro. Ao encurtar a distancia entre adolescentes e livros, projetos de incentivo à leitura abrem caminhos para jovens em todo o país. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 51-58, 2008.

SILVA, Klyvia Larissa de Andrade. Formar Leitores: um desafio da escola. **Revista ABC Educatio**, p. 42-46.

TALAMANI, Daniela. Passagem de ida. Na transição da infância para a adolescência, a garotada tem vontade de descobrir o mundo. E a leitura é, certamente, o melhor passaporte. **Nova Escola** edição especial, São Paulo: Abril, nº. 18, 41-48, 2008.

Referências eletrônicas:

GERALDI, João Wanderley. **A leitura na sala de aula: as muitas faces de um leitor.** Série Idéias n.5. São Paulo: FDE, 1988. p.79-84. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.php?t=001 Acessado em 15/11/2009]

JUNIOR, Davi Arrigucci. **Leitura: ente o fascínio e o pensamento..** Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. p.19-24. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.php?t=001 acessado em 15/11/2009].

MASINI, Maria Lúcia Hage e Maia, Suzana Magalhães. **A leitura enquanto prática social e a intervenção da escola.** Série Idéias n.5. São Paulo: FDE, 1988. p.73-76. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.php?t=001 acessado em 15/11/2009] .

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da Leitura na Sociedade Contemporânea e o Papel da Escola Nesse Contexto.** Maria Thereza Fraga Rocco. Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. p. 37-42. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.php?t=001 acessado em 15/11/2009].

ZILBERMAN, Regina. **Leitura: história e sociedade.**Série Idéias n.5. São Paulo: FDE, 1988. p.13-17. [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.php?t=001 acessado em 15/11/2009].

<http://www.autenticaeditora.com.br/noticias/item/292>

Acesso 23/08/2009 às 20:37

<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/308.pdf>

Acesso em 23/08/2009 às 19:56

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u401.jhtm>

Acesso em 10/04/2010

http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_1412.html

Acesso em: 10/04/2010

<http://www.overmundo.com.br/guia/voce-ainda-esta-na-pre-historia-da-leitura>

Acesso em 23/08/2009 às 20:20

<http://www.orecado.org/?p=43>

Acesso em : 06/04/2010 22: 04

<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/sumerios.htm>

Acesso em 10/04/2010

<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>

Acesso em 15/11/2009 às 17:09

<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/sumerios.htm>

Acesso em 10/04/2010

<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>

Acesso em 15/11/2009 às 17:09